

## DISCURSO DE RECEÇÃO DO PRÉMIO LITERÁRIO ARMANDO BAPTISTA-BASTOS

**ANTÓNIO CABRITA**

Boa tarde, meus caros,

Saúdo-vos do Índico, de um país em convulsão e que promete uma mudança dos polos magnéticos. O que advirá daí é tão incerto como a soma de dois mais dois resultar num triângulo escaleno.

Por outro lado, já conheci tantas mudanças na minha vida que viver sem elas só me enfastiaria. Eu vou a meio dos sessenta, embora saiba que não pareça por causa da minha beleza interior, e venho de um tempo, de que já poucos se lembram, em que os pés nus da Sandie Shaw no Festival da Eurovisão ou um parto no filme Helga eram motivos de controvérsia e de vergonha pública, mas estas marcas da pré-história, não as considero menos espantosas e dignas de assombro do que vemos como hoje Portugal está viúvo de um cantor chamado Marco Paulo e como nos States, Trump, esse patusco fascista, consegue ser credível para metade da população.

Salvemo-nos destas macro patologias da miséria simbólica do nosso tempo, esqueçamos por um momento estas irritações atmosféricas, cabe-me hoje felicitar a Junta de Freguesia de Santa Maria Maior pelo «Palavrio», este Festival Literário que me surpreendeu pela qualidade. Parabéns ao Curador, o Manuel Alberto Valente, e à organização, e sinto-me honrado por poder participar desta festa, que aponta no rumo certo do que a cultura deve ser.

Gostava agora de vos falar rapidamente da génese deste livro.

Há trinta anos fui atropelado por um divórcio e fui submetido a uma falência técnica que me devolveu por uns meses ao meu bairro de infância, as Torcatas, colado ao Pragal, em Almada.

E aí dei conta que no lustro anterior tinham falecido 16 amigos meus de infância, de overdose ou de HIV, por partilha de agulhas contaminadas. Fiquei em estado de choque e resolvi convocar alguns dos falecidos e escrever um livro sobre essa condição de crescer num bairro pobre, na periferia de Lisboa, antes do 25 de Abril.

Chama-se o livro *As Cinzas de Maria Callas* e foi editado pelo Carlos Veiga Ferreira e a Teorema, em 1997. Era um livro que trata daquilo a que se chama “os ritos de passagem”, com uma ambiência de tipo *Amarcord*, o filme do Fellini, um livro cheio de personagens pícaros e onde recriei os comedimentos, a ingenuidade e os pudores da época e que acaba na noite do 25 de Abril. Dez anos depois, eu já em Moçambique, persisti neste veio narrativo em vários contos do livro *Tormentas de Mandrake e de Tintim no Congo*, e voltei aos mesmos personagens e à atmosfera feérica da infância e da adolescência. Foi esse livro publicado de novo na Teorema, em 2007.

E julgava ter esgotado esse veio. Nesses dois livros, digamos, para imitar o José Milhazes, recorria a 25 por cento de vivido e de memória, o mais era, digamos, imaginação.

Há uns cinco anos recebi em Maputo um amigo escritor e depois do jantar, na minha varanda, no tu cá tu lá com um vinhito honesto, pusemo-nos a falar da nossa infância em bairros periféricos e fomo-nos deitar às seis da manhã. Percebi que havia um manancial que continuava intocável e que era incandescente. Melhor ainda que esse material inédito podia funcionar como um jogo de intertextualidades em relação aos dois livros anteriores. Só que agora invertendo a equação: usando neste livro 80% de memória contra os 20% de invenção, expediente que serve sobretudo para reforçar as transições.

Este meu livro, *Se não me quiseses amar agora, no Inverno, quando?*, funciona, em relação aos outros dois livros, como o negativo para as fotografias analógicas. Em vários sentidos, por exemplo, nos outros dois o que se recorta é a força dos personagens, este é uma longa e digressiva desbunda do narrador, em balanço de vida, e os personagens aparecem como figurantes especiais.

E há dois focos nesta narrativa: por um lado quis incidir nas incidências de vida e de formação que me levaram a ser um leitor, talvez um poeta, e posteriormente um narrador; depois, tive a ambição, aqui, sim, insensata, de que este relato saísse de um âmbito doméstico para se tornar um relato mais geracional de uma juventude periférica que cresceu com o marcelismo e se tornou adulta em dupla velocidade com a euforia dos anos pós-25 de Abril. E tudo isto fará mais sentido se nos lembrarmos, como dizia o Deleuze, que «Escrever não é contar as lembranças, as viagens, os amores, os lutos, sonhos e fantasmas. Ninguém escreve com as suas neuroses. (...) A literatura só se afirma se descobre sob as aparentes pessoas a potência de um impessoal.» Espero não ter falhado muito o alvo.

Vi o anúncio do prémio, tinha o livro na gaveta, mas não me decidi logo. Nessa noite, apareceu-me o BB num sonho; estávamos na minha varanda. Mordiscávamos um queijo e abrimos uma garrafa de Audácia, uma boa pomada sul-africana. E debatemos as minhas dúvidas. Que ele derrotou com um último argumento: Eu sei que tu vais regressar definitivamente a Portugal em 2025, e sei que pelo menos nestes três livros tu és, como eu fui «um escritor de bairros», e por isso deixa-me ao menos patrocinar-te o contentor para lebares os teus livros contigo.

O argumento dele calou fundo em mim. E aqui estou eu agora a agradecer ao BB. A minha biblioteca está a salvo.

Alegra-me também anunciar que não só regresso em 2025 como tenho várias edições apontadas para marcar o meu retorno. E fico animado com a possibilidade de que o meu ano de edições, em 2005, comece com este livro que irá ser editado pelo Carlos Veiga Ferreira, agora na Teodolito, e com a reedição de *As Cinzas de Maria Callas*, revista e aumentada, na Poets and Dragons Society. Em ambas as edições se dará destaque ao

Prémio Literário Baptista-Bastos, que proporcionou o futuro aparecimento quase simultâneo dos dois livros.

E com esta promessa, como uma noiva já em fuga deste meu além, me despeço, com um até já.

27 de outubro de 2024